

LABORIT E VILHALVA: DA NARRATIVA INTIMISTA À ANÁLISE COMPARATISTA DA CONDIÇÃO FEMININA SURDA

Laborit and Vilhalva: from intimate narrative to the comparative analysis of deaf female condition

Danielle Reis Araújo¹

Danielle Cristina Mendes Pereira Ramos²

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise histórico-cultural de autorrepresentações de mulheres surdas em manifestações literárias. Analisa imagens e discursos tecidos na perspectiva de gênero e identifica signos pertinentes à experiência da surdez e da condição feminina, em uma abordagem comparativa em torno das obras autobiográficas *O grito da gaivota*, de Emmanuelle Laborit, e *Despertar do silêncio*, de Shirley Vilhalva. Nos discursos engendrados em suas autobiografias, as autoras

ABSTRACT

This article presents a historical-cultural analysis of deaf women's self-representations in literary works. It analyzes images and speeches woven from a gender perspective and identifies signs pertinent to the experience of deafness and female condition, in a comparative approach around the autobiographical books *O grito da gaivota*,

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. CNPq. dannyreisaraujo@gmail.com.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, SP, Brasil. CNPq. danielle@letras.ufjf.br.

surdas se autorrepresentam através de imagens relativas às suas experiências e identidades surdas, abordando as culturas surdas a partir de prismas plurais. Além de explorar as especificidades nos discursos de cada relato autobiográfico, o estudo desenvolve-se examinando intertextos e aspectos da sincronia em que se inserem.

by Emmanuelle Laborit, and *Despertar do silêncio*, by Shirley Vilhalva. In the speeches generated in their autobiographies, the deaf authors represent themselves by images related to their deaf experiences and identities, approaching deaf cultures from plural perspectives. In addition to exploring the specificities in the speeches of each autobiographical report, the study explores the intertextuality and the aspects of synchrony in which they are inserted.

PALAVRAS-CHAVE

Autobiografia; Identidades surdas; Escrita feminina.

KEYWORDS

Autobiography; Deaf Identities; Women's Writing.

Com o avanço de lutas sociais defensoras da visão antropológica das experiências surdas, diversos estudos interdisciplinares emergiram com o intuito de consolidar campos de pesquisa, tais como os estudos interdisciplinares em linguística aplicada ao ensino de línguas e os estudos de tradução-interpretação em línguas de sinais. Entretanto, no âmbito estético, sobretudo nas áreas de artes e de literatura, embora haja uma produção bibliográfica já em circulação, nota-se certa redução de investigações voltadas à maneira como os surdos se enxergam no mundo e expressam suas variadas possibilidades identitárias pela via literária.

Sabe-se que a cultura pode ser entendida como uma instância histórica, plural e dinâmica, em permanente construção. Nesse sentido, importa desestabilizar ideias essencialistas acerca das culturas surdas. Pensar em uma cultura surda homogênea, estável, solipsista e única abre espaço para a armadilha da percepção simplista. Assumir a condição cultural como híbrida e múltipla, a circulação, a apropriação e realocação de bens simbólicos, a instabilidade inerente aos processos culturais e a compreensão de sua complexidade são processos fundamentais.

Isso posto, percebemos em muitas das manifestações advindas de comunidades surdas costumes, vivências e práticas visuais resguardadas, principalmente, por meio do uso de uma língua de sinais em sua estrutura visual e motora. Criam-se por meio, sobretudo, da assunção de uma língua de sinais, elementos de afirmação e de resistência referentes a aspectos de identidades. São mobilizadas imagens de pertencimento que marcam o afastamento de comunidades surdas falantes de línguas de sinais de categorizações inferiores sustentadas pela visão patológica da surdez. Tais imagens evocam os sentidos da diferença cultural em sua legitimidade e aparecem com frequência em relatos autobiográficos de autores/narradores surdos, como, por exemplo, Raymond Luczak e Vera Strnadová – além de Shirley Vilhalva e Emmanuelle Laborit, cujas autobiografias constituem o *corpus* de nossa investigação.

No que lhe concerne, a escrita autobiográfica é um gênero que tem como fundamento o relato particular do “eu” autor que, por sua vez, assume o lugar ambíguo onde se encontram, ainda, os de narrador e personagem. A autobiografia é em seu âmago uma enunciação cultural de grande potência significativa em sua tentativa de estabelecer jogos de intimidade no espaço da escritura. Retornando a Barthes (2002), para quem não existe nenhuma comunidade cultural desprovida de narrativa, é possível perceber uma relação de contraparte entre a escrita de si e a afirmação de identidades culturais, o que propiciaria a constituição de imagens do eu, por meio da conjugação de suas vivências ao ato de escrever.

Assim, apesar de essa escrita reportar-se ao proponente particular, ao analisar esse “eu” como um sujeito social integrante de um grupo cultural, ela transcende para o coletivo, devido a um princípio comum de identidade, dado que nenhuma narrativa sustenta-se isolada de um contexto sociocultural. Diante disso, o eu da autobiografia, como sujeito cultural, organiza falas expressivas não só de suas experiências, mas assume valor histórico representativo no cruzamento entre as memórias coletivas e subjetivas.

Diante do exposto, buscamos atrelar os estudos da escrita autobiográfica aos Estudos Surdos. Chamamos de Estudos Surdos, a um campo de investigação assim nomeado pelo pesquisador Carlos Skliar, na década de 1980. Skliar foi responsável por implementar um programa de pesquisa “cuja proposta era a de abordar as culturas e as comunidades surdas pela

chave da diferença e do reconhecimento político” (RAMOS & MUNIZ, 2018, p. 2). Com a abertura e a consolidação dos cursos de Letras-Libras, o campo dos Estudos Surdos tendeu a ampliar as pesquisas situadas teórica e criticamente no domínio dos estudos linguísticos, sobretudo, mas também literários (RAMOS & MUNIZ, 2018, p. 2).

Consideramos que os campos dos estudos surdos e dos estudos de autobiografia apresentam pontos de interrelação por meio dos quais seja possível um refinamento de concepções envolvendo as produções de imagens sobre as comunidades surdas. Por essa senda, visamos a apresentar comunicações que se estabelecem entre as imagens e os discursos tecidos nas perspectivas de gênero e das identidades surdas, partindo da análise dos livros autobiográficos *O grito da gaivota* (1993) e *Despertar do silêncio* (2004), de Emmanuelle Laborit e Shirley Vilhalva, respectivamente.

Estamos, aqui, consoante a ideia postulada da autobiografia como um relato literário, afastado de uma abordagem ingênua que a toma como escrita confiável, objetiva e completamente documental. Emerge nesse sentido a proposição de Philippe Lejeune (2008) do pacto autobiográfico como um discurso situado, principalmente, na triangulação entre autor, narrador e protagonista, pela via da semelhança, já enunciada no resumo, no caso das obras aqui estudadas. Afasta-se a concepção de Lejeune da pureza referencial, já na compreensão do narrador como um sujeito constituído nos processos de seleção e de edição, que deliberadamente organizam as passagens que devem ser lembradas, suas maneiras de contá-las, assim como as que devem ser silenciadas.

Portanto, o eu triplo do pacto autobiográfico das narrativas aqui abordadas não se constitui como o sujeito biográfico mesmo, mas como uma projeção elaborada na narrativa, onde cabe também o desejo, para além do vivido. Ele emerge em jogos de tessitura, em que a narrativa íntima assume a contradição de existir para um narratário desconhecido a quem deve ser confiada.

Também nas obras aqui estudadas são empregadas “estratégias ficcionais de representação” (ARFUCH, 2010, p. 73), através das quais modulam-se imagens que colaboram para a construção de aspectos de identidades também coletivas. Nas duas autobiografias sublinha-se um arco dramático que leva do isolamento à sutura de identidades, assumindo-se as vozes narrativas como portadoras de histórias exemplares em uma trajetória catalisada pelas línguas de sinais.

Em *O grito da gaivota*, a identificação entre a autora Emmanuelle Laborit e a narradora homônima estabelece o pacto com o leitor e apresenta a narrativa em primeira pessoa de uma surda profunda e filha de pais ouvintes, nascida em 18 de outubro de 1971, na França. A narradora conta sua trajetória de vida cronologicamente, destacando em sua primeira infância a ausência de um canal de diálogo interpessoal que a permitisse interagir e se expressar face às demais pessoas.

A imagem do grito da gaivota assume duplicidade semântica. Inicialmente, faz referência a um apelido familiar, derivado de sua impossibilidade de falar quando criança. Comparam-na a uma gaivota gritando. A imagem é potente e desoladora, porque nos faz situá-la em um espaço natural e animal, não cultural e humano, remetendo à ausência da linguagem e a um muro de silêncio.

O discurso autobiográfico organizado em *O grito da gaivota* ratifica os elos entre a solidão radical vivida pela menina Emmanuelle e a não aquisição de uma língua, que implode sua identidade, ao impedi-la de encadear pensamentos e perceber a si diante do mundo e do tempo. Diante desses obstáculos, a narradora afirma que suas primeiras recordações não apresentam conexões ou encadeamentos; todas as suas memórias visuais relativas a esse período foram armazenadas na mesma linearidade temporal, concebida como um vasto presente, sem demarcação de passado e futuro.

No entanto, Emmanuelle pôde estabelecer, com sua mãe, uma comunicação “umbilical” que permitiu-lhe expressar-se quando sentia fome, sede e sono. Dessa forma, ela assegurou esse primeiro elo interativo, ainda que contrariado pelos médicos à época, uma vez que o julgavam um empecilho para o aprendizado da oralização. Contudo, em virtude de esse contato ter se dado de modo instintivo, não garantia boa inteligibilidade comunicativa, como também não possibilitava o aprendizado para que houvesse uma relação com outros.

A aquisição pela narradora da língua de sinais francesa, aos 7 anos, é o marco fundamental de sua história de vida, ao despertar a consciência fundamental e viabilizar a compreensão mais ampla do mundo ao seu redor e o entendimento do porquê de sua existência. Após descobrir que as palavras designavam pessoas e que tinha um nome, ou seja, uma definição, ela percebeu que “ser alguém, [é] compreender que se está vivo”. Desdobra-se dessa assertiva a sua reflexão sobre as conexões entre identidade, linguagem e compreensão de mundo:

A partir daí pude dizer “EU”. Anteriormente eu dizia “ELA,” quando me referia a mim própria. Procurava o meu lugar neste mundo, quem eu era, e porquê. E encontrei-me. Chamo-me Emmanuelle Laborit. Depois, pouco a pouco, pude analisar a correspondência entre os atos e as palavras que os designam, entre as pessoas e os seus atos. E de súbito o mundo pertencia-me e eu fazia parte dele. (LABORIT, 2000, p. 7).

A partir disso, a narradora teve um renascer e despertar de sua individualidade enquanto um ser capaz de se construir e reinventar. Após esse encontro consigo, surgiram diversas indagações na mente de Emmanuelle acerca de sua existência: como se sucederam os acontecimentos em sua vida, dado que não tinha uma língua que permitisse apreendê-los? Como conseguiu se construir? Como entendia as coisas ao seu redor? O que fazia para chamar as pessoas? Como pedia algo? Teria ela pensamentos? Em que pensava?

Dessas reflexões ela obtém poucas respostas, posto que não tinha um meio de comunicação que a fizesse ter entendimento sobre os mais variados fenômenos intrínsecos e extrínsecos ao seu ser.

A segunda grande descoberta da narradora foi quando constatou que era surda, pois anteriormente tinha inconsciência disso. Com esse reconhecimento, ela cresceu interiormente e entendeu a experiência surda:

Sou surda não quer dizer: “Não ouço.”, Quer dizer: “Compreendi que sou surda.” É uma frase positiva e determinante. Na minha mente, admito que sou surda, compreendo-o, analiso-o, porque me deram uma língua que me permite fazê-lo. Compreendo que os meus pais têm a sua própria língua, a sua maneira de comunicar e que eu tenho a minha. Pertencço a uma comunidade, tenho uma verdadeira identidade. Tenho compatriotas. (LABORIT, 2000, p. 48)

Isso foi possibilitado pelo seu encontro com a língua de sinais, porquanto a comunicação no espaço visual a aproximou principalmente do mundo dos surdos, mas também dos ouvintes e a concedeu conhecer muito mais de si. Logo, apesar de ter aprendido a oralização e a escrita da língua francesa, Emmanuelle a considerava como segunda língua, pois a língua de sinais era identificada por ela como catalisadora de sua ligação às culturas surdas. Há uma inversão profunda na ideia do grito da gaivota, pois, nesse momento, este implica em uma libertação, em um voo possibilitado por uma língua de sinais rumo a novas identidades e ao pertencimento a uma coletividade.

Emmanuelle Laborit, autora, foi a primeira atriz surda a vencer o prêmio Molière de revelação teatral, no ano de lançamento de seu livro, pelo seu papel em “Filhos de um deus menor”, assim como foi a primeira surda a escrever um livro autobiográfico na França. Desde criança ela teve o sonho de atuar e poder se comunicar por meio de suas expressões corporais. Esse desejo se iniciou por meio de um estágio que ela fez aos 8 anos de idade. A partir disso, o teatro tornou-se a grande motivação de sua vida, sendo o responsável, inclusive, pela significação de seu sinal em língua francesa de sinais, originado do poema da atriz surda Chantal Liennel, que significa “o sol que sai do coração”.

Ao escrever seu livro, Laborit criou uma narradora que não é ela mesma, mas é a imagem dela dada ao outro, o leitor. Ao selecionar elementos de sua trajetória de vida, organiza estratégias narrativas inscritas que destacam desde as dificuldades de ser surda em um contexto oralista, o sofrimento por não conseguir se expressar, até o descobrimento de sua individualidade e sua formação identitária pela via da Língua de Sinais Francesa, o que provoca um renascimento e a leva à identificação de si também fora da família, no âmbito das culturas surdas. Com essa obra, a autora apresenta uma narradora a relatar, através de sua segunda língua, que nada deve ser negado aos surdos e que eles têm direito à expressão por meio de todas as linguagens que lhes são possíveis.

Podemos perceber na obra autobiográfica da professora e escritora surda Shirley Vilhalva³, *Despertar do silêncio*, a adesão a muitos dos elementos que impactam a narrativa de Laborit. Escrito em 2004, anos após a publicação do livro da atriz surda francesa, *Despertar do silêncio* lança mão de estratégias semelhantes e percorre arco narrativo no qual a aquisição de uma língua de sinais também catalisará a transformação mais profunda e significativa da narrativa de vida partilhada, levando a narradora a um despertar. Como surda, ela liberta-se do silêncio pela Língua Brasileira de Sinais. A imagem é potente, ao desestabilizar o lugar comum que atrela a ideia da experiência surda à imersão em uma vida de silêncio. A narradora desconstrói esse olhar e aloca a vivência enquanto mulher surda como produtiva e liberta do silenciamento. A narrativa opõe as fases anterior e posterior à aquisição de Libras da narradora Shirley, aos 20 anos de idade. Antes de seu contato com a Libras e a cultura surda,

³ Nascida em Mato Grosso do Sul, em 1964.

ela aprendeu pela oralização, prática típica do contexto histórico no qual ela se inseria, marcado por uma onda de repressão e descredibilidade quanto ao uso de uma língua de sinais, dada a concepção clínica da surdez então dominante. No decorrer da narrativa, a autora demonstra como as grandes dificuldades de comunicação experimentadas antes de seu contato com a Libras influenciaram negativamente sua vida como pessoa surda, dado o fato de ela ter-se visto inibida por entraves comunicativos durante sua infância.

A ideia de uma força imanente de superação permeia a narrativa e encontra-se em tensão à representação dos surdos diante dos não surdos e não sinalizantes, em uma sociedade ainda não preparada para lidar com a diferença. A Libras é metaforizada como o despertar para o mundo, levando a narradora a um ponto de equilíbrio diante da alteridade, à medida em que possibilita suas construções de identidades e o seu adentrar nas culturas surdas.

Como a narradora de Laborit, a narradora de Vilhalva expressa os impactos causados pela ausência de aquisição de uma língua, a dificuldade de concatenar ideias e, conseqüentemente, de tomar consciência de si e do mundo, fluando em uma memória fluida e dispersa. Conta que não conseguia compreender os acontecimentos ao seu redor, nem mesmo expor seus pensamentos. Afirma que o que observava era retido em sua memória como se fossem fotografias, sem haver meios pelos quais fossem externalizadas; por isto, ela tinha necessidade de explicações sobre os mais simples detalhes da vida, como ela era e o porquê dela o ser.

A narradora relata que a dificuldade comunicativa a impedia de se colocar no lugar de seus interlocutores em uma dinâmica discursiva funcional, como se vê na passagem abaixo:

Várias vezes me encontrei balbuciando ou falando ou mesmo gritando, pensava que estava falando como um pessoa ouvinte e logo descobri que não era verdade, o que eu imaginei ter dito não chegou a ser compreendido e muito menos ouvido por alguém e que quando as pessoas diziam algo para mim eu verificava que não estava compreendendo. (VILHALVA, 2004, p. 14).

Expõe que na infância desejava frequentar uma escola onde os outros alunos fossem surdos, justamente porque se sentia isolada em um meio onde todos os demais comunicavam-se por uma via não acessível a ela. Quanto à sua autopercepção da subjetividade, em um primeiro momento Shirley não se

compreendeu imediatamente como surda. Gradualmente notou sua distinção, dado que não fazia uso de movimentos labiais e de expressões presentes na comunicação oral-auditiva. No entanto, ao tomar consciência de suas especificidades, a autora constatou ser a expressão facial a base elementar para a compreensão dos assuntos veiculados no diálogo, ressaltando a característica visual como proponente primordial na interação de surdos.

Em 1976, aos 12 anos de idade, a narradora conta a experiência de conhecer o aparelho auditivo e utilizá-lo durante um período de 15 dias. Com isso, descobriu a existência de sons e a maneira como se conjugavam aos eventos cotidianos, tais como o som de uma folha soprada pelo vento e da água caindo de uma torneira. Todavia, não se adaptou naquele momento ao aparelho, devido às brincadeiras ofensivas por parte de colegas de classe, e só retomou o seu uso aos 20 anos de idade, retirando dele proveito para fins de estudo. Com base nas experiências vividas, a narradora desenvolveu o desejo de se tornar professora de surdos, pois compreendia que as dificuldades de seus alunos apresentariam pontos congruentes às suas vivências. Ela confessa que alcançou seu sonho, tornando-se professora universitária.

No capítulo intitulado “Língua de Sinais”, a narradora discorre sobre seu adentrar nas culturas surdas e o modo como se redescobriu enquanto sujeito cultural possuidor de faces de identidade distintas dos ouvintes. Esse novo contato com o mundo visual-espacial permitiu-lhe, além de um encontro de si, a compreensão dos significados das coisas, das palavras, das pessoas e de sua própria existência. Em suas palavras:

Eu tive um renascer ao estar na comunidade surda, aquele sentimento de estar só no mundo acabou e o medo das pessoas foi diminuindo e assim através da Língua de Sinais eu comecei a entender os significados dos sentimentos, das coisas, das pessoas, das ações e muito mais das palavras. Eu comecei a viver realmente como as demais pessoas e entender o porquê de minha existência. (VILHALVA, 2004, p. 37).

Tomando como base os livros autobiográficos *O grito da gaivota* e *Despertar do silêncio*, é possível garantir linhas interpretativas que estabelecem tanto comparações, quanto distinções em suas obras.

Pode-se perceber pontos distintos das vivências das duas narradoras, dado que Emmanuelle aprendeu a língua francesa de sinais aos 7 anos e anteriormente a isso obteve uma comunicação umbilical com a sua mãe. Já Shirley,

por sua vez, conheceu a Libras somente aos 20 anos. Dessa maneira, sua comunicação foi predominantemente baseada no oralismo, aprendido com a repetição de palavras e a associação das mesmas com imagens. Assim, teve por muito tempo de sua vida dificuldades na compreensão do mundo e na interação com as pessoas, como expõe:

Isso não ocorre quando se tem um “código umbilical”, [onde] as duas pessoas envolvidas não conseguem ver ou sentir a surdez existente, apenas elas são testemunhas da existência de uma comunicação, olhos e olhos, mente e mente, não há necessidade de falar e sim de agir. (VILHALVA, 2004, p. 14).

Laborit e Vilhalva construíram narradoras que projetam imagens de si e simbolizam resistência e afirmação, sugerindo-se como modelos de representatividade, a partir da busca de instâncias de congruência entre suas narrativas de vida e os relatos pessoais que permeiam as comunidades surdas, acenando para redes de identificação conformadas em modelos de experiência que se representam como de resistência e libertação.

Por outro lado, a exemplaridade presente nas narrativas alcança, ainda, o objetivo de narrar para não silenciar e, assim, continuar a viver. Como lembra Todorov, “a narrativa é igual à vida; a ausência de narrativa, à morte” (2006, p. 123). As línguas de sinais propiciam o grito libertador e o despertar do silêncio. As narradoras renascem. Embora as narrativas sejam subjetivas, há uma partilha da experiência que afirma o direito à palavra e à vida.

Outro ponto a destacar nas autobiografias abordadas é a sincronia entre as vivências das narradoras. Embora pertencentes a países com contextos socioeconômicos muito distintos, ambas cresceram sob a predominância da percepção clínica da surdez e da orientação oralista. Vivenciaram um cenário histórico em que foram reprimidas tanto por serem surdas quanto por serem mulheres, mas evidenciaram e consolidaram suas vozes por meio de suas obras. Com nacionalidades diferentes, ambas pertencem à comunidade surda e, dessa maneira, acenam para o compartilhamento de aspectos referentes a ideias de identidades culturais transnacionais.

Como conclusão, tratando-se da investigação da vida e da obra de duas mulheres surdas, foi possível apreender narrativas que organizam pelas vozes das narradoras vivências similares, como, por exemplo, a barreira comunicativa que existiu previamente à consciência de uma língua pela qual puderam interagir e

expressar-se; a opressão sofrida devido ao oralismo, que as impediu de utilizar a língua de sinais desde o nascimento e as compeliu à oralização; a descoberta primordial dada por meio de uma língua de sinais da compreensão da subjetividade e, por conseguinte, de suas projeções particulares no mundo; a constituição de suas identidades; e o encontro com a língua de sinais e o renascer ao ingressarem em comunidades surdas.

Ambas as vozes narrativas estabelecem um par áporo, o do grito silencioso. Na narrativa de Laborit, os gritos, como visto, foram os responsáveis pelo apelido de gaivota. A narradora conta ter enfrentado grandes dificuldades comunicativas em sua infância, pois o que tentava exprimir não era ouvido por si e nem compreendido por ninguém; por isto dava “vários gritos, muitos gritos, autênticos gritos. Não por ter fome ou sede, medo ou dores, mas porque queria começar a “falar”, porque queria ouvir a voz e os sons não chegavam” (LABORIT, 2000, p. 9).

Semelhantemente, Shirley diversas vezes se encontrou

balbuciando ou falando ou mesmo gritando, pensava que estava falando como 3m pessoa ouvinte e logo descobri que não era verdade , o que eu imaginei ter dito não chegou a ser compreendido e muito menos ouvido por alguém e que quando as pessoas diziam algo para mim eu verificava que não estava compreendendo. (VILHALVA, 2004, p. 14).

O barulho é silêncio, pois a ideia do silenciamento é o de isolamento e não comunicação. As línguas de sinais libertam do silêncio ao imprimirem sentido ao eu e ao mundo. Inscrevem-se no domínio da vida, porque permitem afirmar e narrar. Ainda que as autobiografias sejam escritas na segunda língua das autoras/narradoras, segundo os seus relatos autobiográficos, sem as línguas de sinais as narrativas se dispersariam.

Através das línguas de sinais, em sua modalidade visual-espacial, as narradoras se redescobrem enquanto sujeitos culturais possuidores de identidades com aspectos sensivelmente distintos de seus pais. Cabe lembrar de Sacks (1989), para quem as experiências das subjetividades e coletividades surdas expõem os indivíduos a diversas possibilidades linguísticas e, portanto, a uma série de potências intelectuais e culturais que podem ser distintas dos sujeitos ouvintes. As narradoras aqui abordadas foram construídas como vozes de autorrepresentação em obras autobiográficas, nas quais estabeleceram fricções entre imagens

sociais e subjetivas. É importante a relevância de ambas para a representatividade das comunidades femininas surdas, uma vez que exprimem vivências, obstáculos, aprendizados, costumes e persistências desses grupos.

Embora ainda sejam poucos os trabalhos que levam em consideração aspectos da autorrepresentação literária de mulheres surdas, apontamos a importância de recorrer às experiências autorais para o tratamento de aspectos específicos da cultura surda. Dentre eles, enfatizou-se a relevância da língua de sinais, bem como características de suas histórias sob a ótica comparatista em face de suas condições individuais.

Buscou-se, pois, estabelecer um quadro paralelo entre as obras autobiográficas de Emmanuelle Laborit e Shirley Vilhalva, visando exibir as semelhanças e diferenças entre seus relatos e vivências enquanto surdas nascidas em um período em que predominava a orientação oralista. Pode-se perceber que elas apresentaram conexões entre a autorrepresentação e a descoberta simbólica elementar dada por meio da nomeação presente na construção de sentidos do mundo e de suas identidades em face de uma contraposição cultural.

Além disso, notou-se o valor linguístico-cultural na autonomia defendida pelas figuras femininas autorrepresentadas, com atenção ao tratamento de um multiculturalismo social que não se restringiu ao cerceamento de uma concepção cultural imposta a determinado grupo minoritário. Por isso, ambas as obras analisadas representam atos de resistência no contexto da sociedade opressora. Isso se justifica, se consideradas as pontuações históricas marcadas pela repressão à manifestação cultural surda e à represália contra a liberdade de expressão feminina.

REFERÊNCIAS

ARFUCH, L. *O espaço biográfico*. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BARTHES, R. *A aventura semiológica*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 1997.

LABORIT, E. *O grito da gaivota*. Lisboa: Editorial Caminho, 2000.

LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

RAMOS, D.; MUNIZ, V. Pensares surdos: estudos na área de Letras. *Pensares em Revista*. São Gonçalo: FFP-UERJ, n. 12, 2018.

SACKS, O. *Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TODOROV, T. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

VILHALVA, S. *Despertar do silêncio*. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2004.